

## O Minotauro Jack Torrance e o labirinto Overlook: paralelos entre o mito grego e o protagonista do filme *O iluminado* de Stanley Kubrick

FERNANDO FRANQUEIRO GOMES\*

**Resumo:** O Minotauro e o labirinto são imagens da mitologia grega que estão muito presentes em diversas manifestações artísticas como romances, músicas, pinturas e filmes. Com o movimento surrealista, iniciou-se uma proposta de significados para além do consciente nas artes. O minotauro e o labirinto ganharam interpretações e análises que trazem reflexões pertinentes sobre os significados da trama, o dualismo, a violência, o inconsciente e a monstruosidade. Assim como o mito, o filme *O Iluminado*, adaptação do romance de Stephen King, lançado em 1980, dirigido por Stanley Kubrick e protagonizado por Jack Nicholson, conta a história de um homem "preso" em um espaço e permite várias significações. Este artigo busca, através do método de análise da Literatura Comparada, estabelecer um paralelo entre a interpretação do minotauro e do labirinto dentro do conto "A Casa de Astérion" do autor argentino Jorge Luis Borges, com a persona monstruosa de Jack Torrance, personagem principal do filme de Kubrick e o espaço labiríntico do Hotel Overlook, para onde ele se muda com sua família. Para desenvolver essa comparação entre o conto e o filme, serão feitas análises a partir de pesquisadores como Kenia Maria Almeida Pereira, Diego Paleólogo Assunção e teóricos como Antonio Candido e Linda Hutcheon.

**Palavras-chave:** Labirinto; Minotauro; Jorge Luis Borges; *O Iluminado*; Stanley Kubrick.

*The Minotaur Jack Torrance and the labyrinth overlook: parallels between the greek myth and the protagonist of Stanley Kubrick's The Shinning*

**Abstract:** The Minotaur and the labyrinth are images of Greek mythology that are very present in various artistic manifestations such as novels, music, paintings and films. With the surrealist movement, a proposal of meanings beyond the conscious in the arts surfaced. The myth have gained interpretations and analyzes that bring pertinent reflections on the meanings of its plot, dualism, violence, the unconscious and monstrosity. Like the myth, the movie *The Shinning*, adapted from Stephen King's 1980 novel, directed by Stanley Kubrick and starring Jack Nicholson, tells the story of a man "trapped" in a space which allows various meanings. This article, through the methods of Comparative Literature, seeks to draw a parallel between the interpretation of the minotaur and the maze within the tale "A casa de Astérion" by Argentine author Jorge Luis Borges, with the monstrous persona of Jack Torrance, the main character of the Kubrick film, and the labyrinthine space of the Overlook Hotel, where he moves with his family. To establish a comparison between the tale and the film, discussions by researchers such as Kenia Maria Almeida Pereira, Diego Paleólogo Assunção, and theorists such as Antonio Candido and Linda Hutcheon will be used.

**Key words:** Labyrinth; Minotaur; Jorge Luis Borges; *The Shinning*; Stanley Kubrick.



\* FERNANDO FRANQUEIRO GOMES é doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

## Introdução

Os mitos da mitologia grega contam histórias que frequentemente ganham vida para além da literatura e da oralidade, sendo representadas no teatro, na música e no cinema. O mito do minotauro e seu labirinto é um exemplo dessas histórias e em diferentes momentos ganhou várias adaptações para outras mídias ao longo dos anos, através de distintas abordagens.

Diferentes conotações podem ser atribuídas ao mito do minotauro e ao espaço no qual ele habita, o labirinto. E o cinema é uma das artes que, em diferentes momentos, aproveita essa possibilidade para recriar os elementos do mito em seus produtos. Os significados atribuídos ao labirinto e ao monstro com corpo de homem e cabeça de touro já foram explorados nos mais variados gêneros cinematográficos. Por exemplo, o fantástico (*O Labirinto do Fauno*, de 2006), o cinema de aventura (*Labirinto*, de 1985), a ação policial (*A Origem*, de 2010) e a série de filmes *Maze Runner* (2014 e 2015) que promove uma intertextualidade com o mito, já que é a adaptação de uma saga de livros que traz uma alegoria do mito trabalhando com o espaço do labirinto e os monstros que ali vivem.

Este artigo visa analisar diálogos estabelecidos entre o mito do minotauro, o do labirinto e o filme de suspense psicológico *O Iluminado*, dirigido pelo consagrado cineasta Stanley Kubrick, lançado em 1980. Enquanto o mito traz reflexões a respeito do que a figura do monstro representa, da loucura e do labirinto como um espaço de violência e perdição; em *O Iluminado*, é possível perceber alegorias que remetem às mesmas reflexões, observando paralelos entre a personagem principal do filme,

Jack Torrance, e o Hotel Overlook, espaço onde se desenvolve a trama, e entre o minotauro e sua casa, o labirinto.

Nota-se que, em *O Iluminado*, as questões que são levantadas pelo mito são pertinentes quando pensamos no protagonista e os acontecimentos provindos de suas ações no espaço “perturbador” em que ele se encontra. Além do mito em si, também é possível estabelecer um paralelo com o conto “A Casa de Astérion” do autor argentino Jorge Luis Borges, publicado no livro *Aleph*, que traz uma interpretação do minotauro e do labirinto que pode ser associada às transformações e ações da personagem Jack Torrance, em *O Iluminado*.

Para possibilitar a imersão nesses diálogos entre as obras, primeiramente é necessário contextualizar ambos os objetos, tanto a história do minotauro e seu labirinto, quanto a trama de Jack Torrance e a monstruosidade que habita no espaço do Hotel Overlook.

### 1. O mito do minotauro e o labirinto

O mito do minotauro faz parte da tradição grega e, até os dias de hoje, desde a antiguidade clássica, é uma das histórias mais famosas e reproduzidas, cuja versão mais popular é contada pelo autor romano Ovídio. Essa narrativa surge com Minos que faz um pedido ao deus dos mares Poseidon para tornar-se o rei de Creta. Em troca dessa concretização, o deus ordena que, então, Minos sacrificasse um belo touro branco que sairia do mar, em sua homenagem.

Muito encantado pelo animal que tinha uma beleza impressionante, Minos decide enganar Poseidon. Então, ele desiste de sacrificar aquele belo touro vindo dos mares e escolhe outro qualquer para fazer o sacrifício,

acreditando que Poseidon não notaria a troca. Contrariando as expectativas de Minos, Poseidon descobre a farsa e, movido pela ira, decide castigá-lo. Como punição, a esposa de Minos, Pasífae, acaba se apaixonando pelo touro que não foi sacrificado.

A esposa, então, perdida de amor pelo animal constrói uma grande vaca de madeira para que possa ter relações sexuais com o touro estando presa dentro da vaca. Após esse acontecimento, Pasífae acaba ficando grávida e dá à luz o Minotauro, um ser híbrido com corpo de homem e cabeça de touro. Após o nascimento da criatura, o rei Minos envergonhado decide construir um enorme labirinto, projetado por Dédalos, para prender a criatura para sempre.

O labirinto que abrigaria o Minotauro foi, então, construído na parte subterrânea do palácio de Creta e, de tempos em tempos, o rei que, recentemente, tinha vencido uma guerra em Atenas, ordenava que sete mulheres e sete homens fossem jogados no labirinto para serem devorados pela criatura presa naquele espaço.

Passados alguns anos de sacrifícios de jovens moças e rapazes, no labirinto, determinados por Minos, o jovem herói grego Teseu resolve se infiltrar no grupo de novas pessoas a serem sacrificadas no local, no entanto, com o intuito de matar o Minotauro. Ao chegar à ilha, Teseu conhece a filha do rei Minos, a princesa Ariadne, e apaixonase pela moça que decide ajudá-lo na sua missão de matar a criatura que abriga o labirinto. Ariadne entrega para Teseu um novelo de lã, para que ele possa marcar o caminho de entrada e não se perder dentro do labirinto. Teseu entra no labirinto e esconde-se entre as paredes do local até que consegue atacar o Minotauro, matando-o com sua

espada e ainda consegue libertar alguns atenienses que ainda estavam vivos dentro do labirinto. Ao sair do local, vitorioso, Teseu volta para Creta e acaba se casando com Ariadne, porém, abandonando-a quando chegam à ilha de Naxos.

Apesar de bastante popular, essa versão do mito já sofreu diversas alterações ao longo dos anos, ganhando novos significados e atribuições com o passar das gerações. Sobre isso, a pesquisadora Kênia Maria de Almeida Pereira (2017) comenta que:

A lenda do labirinto de Creta vem sendo recontada de várias maneiras ao longo dos tempos. Labirintos, Minotauros, Pasífaes, Ariadnes e Teseus povoam há milênios a imaginação de escritores e artistas. Cada época percebe e lê de diferentes maneiras as múltiplas metáforas e simbologias que emanam desses signos milenares. As aventuras amorosas da rainha Pasífae e o fruto de seu adultério podem ser lidos e interpretados na antiguidade greco-latina como um jogo de sedução entre casais apaixonados, principalmente em algumas passagens mais luxuriosas da Arte de amar, de Ovídio, bem como no épico *Eneida*, de Virgílio. Já sob o olhar teocêntrico da Idade Média, algumas poesias de autores anônimos descreviam de forma religiosa a luta de Teseu versus Minotauro. Nesse eterno conflito do bem contra o mal, Teseu representaria o Cristo redivivo e o Minotauro, o Satanás traçoeiro (PEREIRA, 2017, p. 12-13).

Deste comentário da pesquisadora, é notável a atemporalidade do mito e que, a cada geração, a sua riqueza narrativa proporciona novos desdobramentos e análises a partir de seu conteúdo. Permitindo, assim, sua inserção em diversos cenários e contextos diferentes,

seja pensando na ideia de dupla proposta entre o bem e o mal por diversos pesquisadores, dos paralelos com a loucura a alegorias políticas entre outros caminhos que surgem a partir da história do mito. Em diferentes épocas, o mito apareceu em obras de autores como Dante, James Joyce, Ruth Silviano Brandão e Jorge Luis Borges. As suas novas interpretações foram impulsionadas pela psicologia que passou a trabalhar a figura da criatura e sua casa como perfil analítico. Sobre isso, a autora recém-referenciada confirma que:

Com os movimentos de vanguarda e com o fortalecimento da psicanálise, tanto o Minotauro quanto o labirinto ganharam conotações diferenciadas. Ora eles são o símbolo da modernidade com suas contradições e exuberâncias, como queria Picasso com sua fabulosa série “Minotauromaquia”, ora simbolizam os desejos mais inconfessáveis do inconsciente humano como no conto de Marguerite Yourcenar intitulado “Quem não tem um Minotauro”? Na contemporaneidade, criamos nossos próprios monstros e eles se tornam, nos dizeres de Luiz Nazario, “superego, repressão, complexo de culpa, princípio da realidade, com um sinal negativo” (PEREIRA, 2017, p. 14).

Seriam, então, o Minotauro e o labirinto exemplos de interessantes metáforas do nosso inconsciente, sempre dualístico. No cinema, o mito também ganhou suas adaptações das mais variadas formas e no filme *O Iluminado*, de Stanley Kubrick, não há uma adaptação direta do mito. Mas, trata-se de uma narrativa que lida com a questão da loucura, de como espaços complexos influenciam o inconsciente de um indivíduo que, por estar preso em um local de tantas sujeições, acaba indo de encontro a

uma monstruosidade que não se manifestara até então. Assim, a figura do Minotauro pode ser atribuída à personagem Jack Torrance. Contudo, antes de estabelecer este paralelo, é preciso contextualizar a trama do filme.

## 2. *O Iluminado* do diretor Stanley Kubrick

O filme *O Iluminado* foi lançado em 1980 e é o décimo primeiro filme do diretor Stanley Kubrick. Essa é a primeira experiência de Kubrick no gênero horror e o roteiro é adaptado do romance best-seller escrito por Stephen King e publicado no ano de 1977. Kubrick é consagrado como um dos principais diretores do cinema moderno e muitos de seus filmes são considerados como alguns dos mais importantes títulos da história do cinema como *Barry Lyndon* (1975), *2001: uma odisseia no espaço* (1968) e *Laranja Mecânica* (1971). Junto com Martin Scorsese, Francis Ford Coppola, Terance Malick e Steven Spielberg, o diretor é considerado como parte dos cineastas da geração “sexo, drogas e rock n’ roll” que foi responsável por uma nova retomada do cinema Hollywoodiano e no final da década de 1960 passava por uma crise (BISKIND, 2009).

*O Iluminado* é um dos filmes mais populares de Stanley Kubrick e tornou-se um ícone da cultura pop. No entanto, em seu ano de lançamento, ele teve uma recepção mista por parte da crítica profissional. Já hoje é tido como um dos principais filmes de terror do último século. Ele gerou controvérsia também pelo fato de ter sido criticado pelo autor do romance, Stephen King, que, na década de 1990 resolve fazer a sua própria adaptação da história, sendo lançado em formato de minissérie para a televisão.

O filme narra a história de Jack Torrance, um escritor de romances, que, em um momento de crise financeira causada após ele ser demitido da escola onde trabalhava como professor, decide aceitar um emprego temporário como zelador do Hotel Overlook durante a temporada de inverno. Porém, o hotel não funciona devido às baixas temperaturas e pelas condições climáticas que acabam isolando-o, já que seu acesso fica praticamente impossível. Jack aceita o trabalho e muda-se para o hotel com sua esposa Wendy e seu filho Danny. Logo no início, Jack descobre que o Hotel Overlook possui um histórico de escândalos envolvendo, principalmente, alguns assassinatos que ocorreram ali dentro. Isolado no hotel, na companhia apenas de Wendy e Danny, Jack então começa a ser dominado por uma energia macabra que assombra o lugar. O tempo que Jack e sua família ficariam neste espaço, isolados, serviria para que Jack pudesse se concentrar em terminar de escrever seu novo livro. No entanto, o ambiente violento e “assombrado” do hotel começa a afetar a personalidade da personagem, deixando-o cada vez mais estranho e violento. Paralelo a isso, Danny, o filho de Jack tem algumas visões dentro do hotel e percebe que ele e toda sua família ali correm risco. A partir desses conflitos, então, é desenrolada a trama do filme.

Após entender o mito do Minotauro e do labirinto e observar a trama do filme *O Iluminado*, será estabelecido um diálogo entre mito e filme, usando como ponto de referência uma versão do mito, abordada no conto “A Casa de Astérion”, do autor Jorge Luis Borges.

### **3. As interpretações do Minotauro e o labirinto**

A análise das metáforas do mito pode acontecer através de diversos caminhos, contudo é pertinente pensar essa história pela ótica do Surrealismo que permite uma imersão nas questões do inconsciente, passando pela lógica da desconstrução. O Surrealismo surge como um movimento estético vanguardista na década de 1920, influenciado, primariamente pelas ideias de Freud, buscava através da arte uma desconstrução que, para Walter Benjamin (1994), revelaria a subjetividade da experiência humana. No entanto, já não se pensa mais no Surrealismo de forma tão restrita, pois esse movimento também promove uma forma de ver o mundo que transcende a arte, buscando significar elementos, conceitos e ideias através do inconsciente, do aspecto conotativo e abstrato. Assim, é no movimento surrealista que autores vão encontrar respaldo para retratarem o mito buscando sua ressignificação.

Dentro da perspectiva do Surrealismo, o pesquisador Diego Paleólogo Assunção (2011) observa o labirinto como uma estrutura mítica que promove uma dualidade interpretativa entre metáfora e realidade, sendo o Minotauro um reflexo do excesso (a junção da luxúria de Pasífae e a ira de Minos). Estabelecendo, assim, uma antítese que coloca em jogo o homem e o animal, a vida e a morte, o visível e o invisível. Tanto o Minotauro quanto o labirinto estão interligados, a existência de um é a razão do outro e suas significações se intercalam: é no labirinto que se encontra a dominação perversa para devorar os fracos do subconsciente de cada indivíduo. Aliás, é coerente que em uma estrutura monstruosa, como o labirinto, habite dentro dela um ser que

possua essa mesma monstruosidade. Dentro da ótica surrealista, o pesquisador percebe o Minotauro da seguinte forma:<sup>1</sup>

A associação do Minotauro ao Surrealismo está relacionada à intensidade de morte presente no movimento e a constituição de um monstro paradoxal, corpo que aponta para dois sentidos ao mesmo tempo: homem e animal. Andre Masson é o primeiro artista do século XX a se voltar para o mito do Minotauro e o tema da tauromaquia. Um de seus quadros – Pianotauro, de 1937, mostra um piano-touro tendo relações com uma mulher: é a extrapolação de todos os limites do corpo e da linguagem proposta pelo Surrealismo. [...] Por fim, o Surrealismo resgata o Minotauro das profundezas de um Labirinto Clássico – ou do Inferno Dantesco. Seja devido às implicações psicológicas do mito, à figura do Labirinto como estrutura compulsiva ou às imagens da ordem do inconsciente – a associação de Brandão e Diel cabe perfeitamente – os Surrealistas retiram o Minotauro do Labirinto, ou seja, libertam o inconsciente (ASSUNÇÃO, 2011, p. 02).

Surgido, dessa forma, do excesso, e desenvolvendo-se em diversos

<sup>1</sup> O Minotauro é um personagem, como observado, construído através de dualismos e o autor Diego Paleólogo Assunção irá usar o termo “paradoxal” para se referir ao monstro de acordo com a lógica proposta por Deleuze dentro do Surrealismo, de que “O paradoxo é, em primeiro lugar, o que destrói o bom senso como sentido único, mas, em seguida, o que destrói o senso comum como designação de identidades fixas” (p. 01). Além da antítese do Minotauro sobre homem x animal, o autor usa o paradoxo para observar que o personagem no conto de Borges, assim como será abordado em relação a Jack Torrance, mesmo sendo um monstro, é humanizado, pois sofre com sentimentos humanos como a solidão.

dualismos que envolvem o bem e o mal, a loucura e a sanidade, o homem e o animal, o mito ganhará um tratamento surrealista no conto “A Casa de Astérion”, do escritor argentino Jorge Luis Borges. Justamente por adentrar a *psique* da criatura, pois aqui o Minotauro não só ganha voz, mas também há uma tentativa de “humanizar” a criatura. A humanização do Minotauro fica ainda mais evidente quando Borges decide chamá-lo pelo seu nome de batismo, Astérion, que é muito raro de ser usado, pois assim a criatura ganha um corpo e identidade, aproximando-se mais do real. Sobre esse aspecto, Diego Paleólogo Assunção (2010) comenta que:

Borges revisita mais o Labirinto do que o Minotauro e é o único a chamar o monstro pelo nome próprio: Astérion. Há um respeito, uma dignidade na construção do Minotauro borgiano, uma mistura complexa entre diversos componentes que formam a criatura, metade touro, metade homem, investido de uma consciência terrivelmente clara sobre a morte, sobre seu destino, sobre o Outro que irá matá-lo; ao mesmo tempo é uma criatura que brinca pelo Labirinto, joga consigo mesmo – jogos violentos e pesados que talvez remetam às intensidades destrutivas do Touro em Leiris e Bataille (ASSUNÇÃO, 2010, p.115).

O Minotauro em Borges é trabalhado dentro da complexidade surrealista e é uma criatura que funciona como uma representação das dualidades que pode habitar no lado mais obscuro, no subconsciente e suas perversões, desejos, a violência etc. Tomando o espaço do narrador, a criatura, no conto do autor argentino, faz uma espécie de reflexão de si mesmo, em primeira pessoa, libertando o inconsciente. A

dualidade da vida e da morte, por exemplo, é percebida pelo próprio Astérion que, em sua narração, reconhece sua natureza e sabe que o seu destino é a morte, porque existe o conhecimento que um Outro adentrará o labirinto e cumprirá com o seu destino. E entre a vida e a morte se estabelece a antítese do visível e não visível.

[...] não me dói a solidão, porque sei que vive meu redentor e no fim se levantará sobre o pó. Se meu ouvido alcançasse todos os rumores do mundo, eu perceberia seus passos. Tomara que me leve a um lugar com menos galerias e menos portas. Como será meu redentor? pergunto-me. Será um touro ou um homem? Será talvez um touro com rosto de homem? Ou será como eu? (BORGES, 1998, p. 34).

Acreditando no que lhe foi profetizado, a criatura passa a crer que um dia, seu destino se cumprirá, quando um Outro, um herói, adentrar em seu labirinto. Observando a passagem do conto acima e retomando que Astérion, aqui, ganha voz, um corpo, pode-se seguir para a questão de que, apesar de sua voz lhe proporcionar sua presença “física”, ele não é visto do lado de fora, embora seja sabido sobre sua aparência. Astérion só é visto dentro do labirinto, e quem o adentra não sai de lá se perdendo entre suas paredes, caminhos sem saída e espelhos, ou é devorado pela criatura. A única presença externa introduzida no labirinto e sai com vida é justamente Teseu, que matará Astérion. Neste ato, por mais que o corpo do Minotauro morra, sua perversidade parece adentrar no herói que, ao regressar do labirinto, é o único que vê aquilo que era invisível, e também é contaminado pela “essência” do monstro. Como Assunção (2011) observa, ao abandonar Ariadne, Teseu deixa evidente que usou do amor da princesa para conseguir seu objetivo

e depois, ao largá-la, assume a perversidade da criatura que ele mesmo derrotou. Assim, o Minotauro é destruído “fisicamente”, mas a sua crueldade continua existindo naquele que o derrotou e conseguiu sair de seu labirinto.

Em seu interior, Astérion parece aceitar seu fim com tranquilidade e isso mostra um lado de sua monstruosidade que parece estar atrelada ao Outro.

[...] não me faltam distrações. Como o carneiro que vai investir, corro pelas galerias de pedra até cair no chão, atordoado. Oculto-me à sombra de uma cisterna ou à volta de um corredor e divirto-me com que me procurem. Há terraços de onde me deixo cair, até me ensanguentar. A qualquer hora posso brincar que estou dormindo, com os olhos fechados e a respiração forte. (Às vezes durmo realmente, às vezes já é outra a cor do dia quando abro os olhos.)[...] Cada nove anos, entram na casa nove homens para que eu os liberte de todo o mal. Ouço seus passos ou sua voz no fundo das galerias de pedra e corro alegremente para procurá-los. A cerimônia dura poucos minutos. Um após o outro, caem, sem que eu ensanguente as mãos. Onde caíram, ficam, e os cadáveres ajudam a distinguir uma galeria das outras. Ignoro quem seja, mas sei que um deles profetizou, na hora da morte, que um dia chegaria meu redentor. (BORGES, 1998, p. 23)

Aqui, é visível que a criatura, dentro do labirinto, parece brincar e “divertir-se” naquele espaço, quando está sozinho, sem a presença de elementos externos, durante o momento em que os aguarda, pois sabe que de tempos em tempos, alguns “aventureiros” (no pensamento dele), que na verdade são os jovens que serão sacrificados, entrarão ali e naquele

lugar permanecerão para sempre. Assim, é pertinente pensar que o Outro é a causa da monstruosidade de Astérion, pois é quando essa imagem externa adentra o labirinto que sua perversidade, desejos e violência vêm à tona. O Minotauro só encarna sua essência monstruosa ao devorar aqueles que são deixados no labirinto.

Borges também apresenta a questão da loucura no Minotauro e ela se relaciona com o espaço do labirinto, pois, segundo Assunção (2011):

A loucura, no Minotauro de Borges, é um espelho da sua condição de viver no Labirinto; não um espelho e sim um sintoma, algo inevitável: o habitante do Labirinto lida com todas as possibilidades ao mesmo tempo; o Labirinto é uma espécie de Aleph: um ponto que contém todo o universo. Habitando nessa casa monstruosa, o Minotauro talvez veja todos os espelhos do planeta e nenhum o reflita. (ASSUNÇÃO, 2010, p. 118)

O pesquisador também analisa que a loucura fica evidente em alguns pontos do conto. Como no início, quando ele diz que muitos o acusam de ser louco, sem refutar essa questão, ou quando ele se joga, de forma com que se machuca e fica sangrando, ou quando simula o duplo, imaginando a presença de um Outro Astérion, que entraria no labirinto para fazer-lhe companhia e ele pudesse apresentar a “casa” para ele.

Mas, de tantas brincadeiras, a que prefiro é a de outro Astérion. Finjo que ele vem visitar-me e que eu lhe mostro a casa. Com grandes reverências, digo-lhe: "Agora voltamos à encruzilhada anterior", ou, "Agora desembocamos em outro pátio", ou, "Bem dizia eu que te agradaria o pequeno canal", ou, "Agora verás uma cisterna que se encheu de areia", ou, " lá verás como o porão se bifurca". Às vezes

me engano e os dois nos rimos, amavelmente. (BORGES, 1998, p. 23)

A loucura da criatura é, de certa forma, atrelada à solidão que o acompanha, já que ele passa a maior parte do tempo sozinho no labirinto, e este lugar não só é sua casa, mas é, também, o seu universo. Não existe nenhum contato de Astérion com o mundo exterior, com o Outro, além do que acontece dentro do labirinto, e o ambiente dele se resume às duplicidades dos espaços, das galerias, paredes e pátios que formam sua casa.

Após esses comentários sobre o conto de Borges, com apoio das perspectivas apontadas por Assunção, é hora de pensar a personagem Jack Torrance, do filme *O Iluminado*, como uma representação do Minotauro, e o hotel Overlook, como labirinto.

#### **4. O Minotauro Jack Torrance e o labirinto Overlook**

O filme *O Iluminado*, realizado sob a direção do diretor Stanley Kubrick, é a adaptação fílmica do romance de mesmo título escrito por Stephen King. Em sua obra *A Theory of Adaptation*, a autora Linda Hutcheon (2011) comenta que, ao adaptar um material literário para o cinema, é impossível que todo o conteúdo seja mantido e transposto para as telas do cinema, havendo o que ela chama de “corte cirúrgico”. Essa incisão diz respeito à questão de que um filme tem um tempo de duração médio e que, ao adaptar um romance, o diretor e o roteirista terão de optar por eliminar alguns aspectos do texto original no momento da adaptação. Não é possível que um livro de, por exemplo, 500 páginas seja recriado na íntegra em um filme que costuma ter cerca de 100 minutos. Portanto, a partir dessa noção, o diretor e o roteirista farão algumas escolhas influenciadas pela abordagem

que optam por seguir a respeito do que será adaptado no material audiovisual.

Considerando esse aspecto tratado por Linda Hutcheon, pode-se notar que, ao adaptar o romance de Stephen King para o cinema, Kubrick opta em fazer um recorte da trama que, de certa forma, parece focar a narrativa no desenvolvimento da personagem principal Jack Torrance, interpretado pelo ator Jack Nicholson, e sua esposa Wendy (Shelley Duvall) mais seu filho Danny (interpretado pelo ator mirim Danny Lloyd) serão os coadjuvantes nesse desenrolar. Entretanto, o filme possui outro personagem que tem um peso importante para o desenvolvimento dessa história que é o próprio Hotel Overlook, o espaço onde se passa o filme.

A personagem de Jack passará por uma transformação dentro do hotel, seu perfil será influenciado pelo espaço labiríntico do Overlook e pela energia monstruosa que está presente naquele lugar e que começara a influenciar sua personalidade. A personagem, então, tem um desenvolvimento complexo, podendo ser considerado como o que o teórico Antonio Candido (2007), com base na proposta de Edgar M. Forster, chama de personagem redondo, que é o personagem que não segue um padrão de comportamento e ações lineares; a personalidade da personagem, sua moral e seus atos estão sempre passando por desvios e mudanças. É através das nuances de Jack Torrance que a trama do filme ganha forma. Essa sustentação do enredo através da personagem é trabalhada por Candido a respeito do personagem literário, mas que também se aplica ao personagem construído para o audiovisual, sendo assim:

O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem

exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e os valores que o animam. [...] Os três elementos centrais dum desenvolvimento novelístico (o enredo e a personagem, que representam a sua matéria, e as “ideias”, que representam o seu significado, que são no conjunto elaborado da técnica)[...] no meio deles, avulta a personagem [...]. A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos. (CANDIDO, 2007, p.51)

O Hotel Overlook é o local onde Jack irá trabalhar como zelador durante a temporada de inverno na qual o estabelecimento permanece fechado para o público, já que a região sofre com fortes nevascas e, como o prédio do hotel é localizado nas montanhas, o seu acesso é praticamente impossível. Neste período, os funcionários do hotel aproveitam para tirarem férias, então o local fica completamente vazio, sendo habitado apenas pelo zelador que cuidará do espaço, assim, Wendy e Danny acompanham Jack durante esse período para que ele não ficasse sozinho, além do fato de eles serem uma família.

No filme *O Iluminado*, o hotel ganha vida e sua arquitetura é bastante semelhante a um labirinto. O prédio do hotel tem uma área grande, com diversas janelas, alas, salões, saguões e corredores, assim como o labirinto de Creta possui muitas entradas, galerias, corredores etc. Apesar de ser um local fisicamente espaçoso, Stanley Kubrick trabalha muito bem a atmosfera do filme, para que o Overlook pareça, ao mesmo tempo, um local claustrofóbico, fechado e sombrio. Se na ótica surrealista e borgiana o labirinto é um espaço monstruoso que esconde uma monstruosidade ali dentro, da mesma forma, pode-se pensar no Overlook: a

fachada cinza, com telhas da mesma cor, cria a sensação de espaço sombrio, no entanto, dentro do hotel, o que o torna macabro não é a sua estética visual e sim a energia que o local emana. O interior do Overlook conta com janelas e grandes vidraças por todos os lados, trazendo luminosidade ao espaço. No entanto, seus longos corredores, saídas para os mesmos lugares e amplos salões criam um ambiente perturbador, já que existe uma força invisível dentro do hotel que assombra seu espaço. Assim, quanto maior, mais misterioso e complexo se torna o Overlook.<sup>2</sup>



Imagem externa do hotel Overlook. O hotel parece se confundir com a montanha, formando um extenso labirinto. Fonte: o autor.



Os corredores do Overlook são bem simétricos, a presença do duplo é sempre marcada, e reforçada pela variedade de espelhos, vidros, quadros espelhados. O carpete tem um desenho geométrico que remete a um labirinto. Fonte: o autor.

---

<sup>2</sup> As imagens usadas neste artigo foram tiradas a partir de *screenshots* do filme, em sua cópia original em DVD, feitos pelo próprio autor.



Outro corredor, também com espelhos, portas de vidro e entradas, como um labirinto. Fonte: o autor.

É perceptível a estrutura labiríntica que Kubrick trabalha no filme, que promove a ideia do duplo, sempre presente nas análises do mito. Trazendo essa associação a partir do uso cênico de corredores extensos e diversos, espelhos em todas as partes, portas e janelas em praticamente todos os cantos, escadas e entradas em saídas que dão para diferentes lugares, ou, principalmente, para o mesmo local, facilitando que um indivíduo se perca ali. Junto a isso, vários corredores do hotel possuem um tapete com estampa geométrica que remete ao espaço onde vive o Minotauro do mito e do conto de Borges.



Carpete geométrico dos corredores do hotel Overlook. Fonte: o autor.



Nesta imagem é possível observar uma cabeça de touro no lado direito da parede. Fonte: o autor.

O duplo é evidenciado pela estratégia de Kubrick em filmar grande parte das cenas com um enquadramento perfeito e centralizado, onde essa dualidade e simetria ficam sempre em evidência.



Enquadramentos de câmera evidenciando a simetria do labirinto Overlook. Fonte: o autor.

A atmosfera claustrofóbica do Overlook esconde mistérios e uma força maligna ali dentro que irá influenciar diretamente o comportamento de Jack. O hotel foi cenário de algumas mortes violentas e a energia monstruosa que abriga neste lugar está presa no quarto 237, local onde ocorreu um assassinato e permanece sempre trancado. Entretanto, no momento em que o cômodo é aberto, os “fantasmas” do Overlook são libertados e contaminarão a personalidade de Jack, que será afetado por pensamentos perversos, desejos violentos e partirá em uma missão de matar sua família.

No conto de Borges, o Minotauro fica à espera de um segundo Astéion chegar para fazer-lhe companhia e, agora, a força que assombra o hotel Overlook encontra em um Outro, Jack, essa companhia, apossando-se de sua persona física e trazendo à tona a sua monstruosidade, agora, na forma de Jack Torrance, que partirá em busca de “devorar” suas “vítimas”. Jack Torrance, assim como o Minotauro, mata aqueles que entram em sua casa e ele irá exterminar sua família que “invadiu” aquele espaço monstruoso, pois, no Overlook, Jack não é mais o escritor, pai de Danny e marido de Wendy, ele se torna uma figura monstruosa, um Minotauro. Assim como Teseu que, ao sair do labirinto, continuou com a criatura perversa presa dentro de si, Jack personifica o Minotauro interno do hotel.



Caracterização de Jackson Nicholson como Jack Torrance. Fonte: o autor.

A abertura do quarto 237 acompanha os efeitos causados pelo próprio espaço do labirinto Overlook, já que Jack está completamente isolado, afastado da realidade, e este hotel será sua vida pelos próximos meses. A solidão, o isolamento e a perturbação causada naquele espaço começam a desenvolver a loucura inconsciente da personagem e é quando o seu minotauro interno passa a se manifestar. Jack Torrance também desenvolve visões e alucinações dentro do hotel, começa a interagir com fantasmas e pessoas que não estão ali com ele, pois foram mortas lá em outros momentos. De tempo

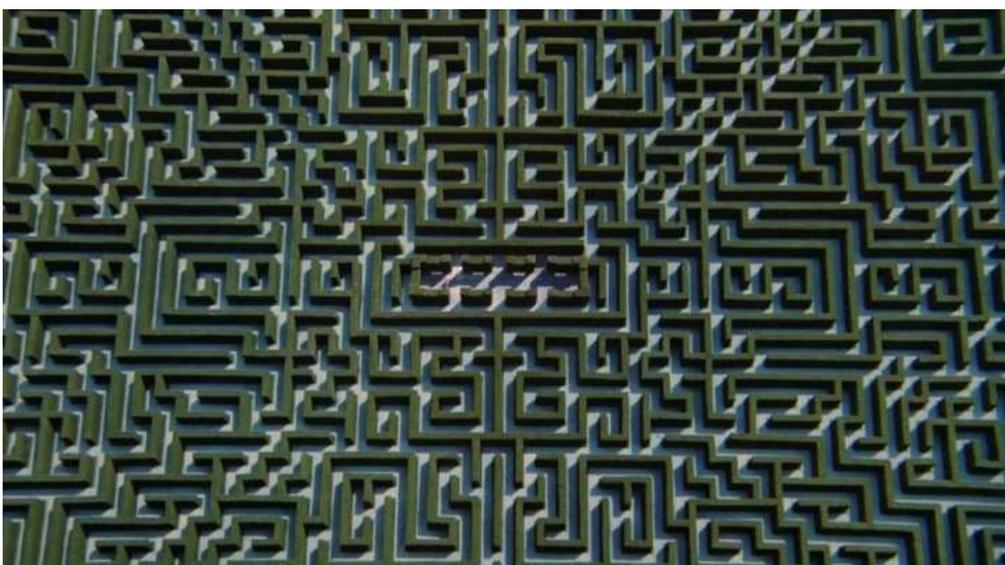
em tempo, no Overlook, houve episódios de mortes; assim como, de época em época, o Minotauro matava em seu labirinto os jovens que eram enviados como sacrifício.

A própria caracterização de Jackson Nicholson como Jack Torrance remete ao semblante de uma criatura com chifres, tendo o cabelo partido ao meio, com duas entradas evidentes, e ondulações que parecem simular essa bestialidade da criatura mítica. Se em Borges, a casa (labirinto) é do tamanho do mundo, o Overlook passa a ser o mundo de Jack, pois dali ele não pode sair e não tem para onde correr, sua realidade passa a ser o labirinto, o espaço monstruoso onde, no seu centro, vive uma criatura monstruosa.

Com a figura do Minotauro se apossando de Jack, a violência, os desejos obscuros e a perversidade do inconsciente da personagem o jogam em uma caça a sua esposa e filho, na tentativa de assassiná-los, parecendo cumprir o ciclo de mortes e violência do labirinto Overlook. É, inclusive, em um labirinto, que Jack faz sua caçada final atrás de Danny na tentativa de matar o próprio filho.



Maquete do labirinto que compõe uma parte da área de lazer do hotel. Fonte: o autor.



O labirinto real dentro do hotel, filmado por cima em uma das cenas do filme. Fonte: o autor.

Durante essa caçada, a personagem principal desiste de assassinar Wendy, que consegue escapar da monstruosidade do Minotauro Jack, então segue em busca de “devorar” Danny. Neste momento, Jack Torrance já está completamente transformado e o ator Jack Nicholson usa artifícios de interpretação para dar vida a esse hibridismo da personagem, mudando completamente o semblante para feições monstruosas, o andar manco, arrastado e a postura encurvada, bufando ao correr, assim como de um típico monstro, e a voz grave, arrastada, ecoando gritos de horror enquanto procura Danny. O invisível, a força monstruosa do hotel Overlook se torna visível, materializada no corpo de Jack. O Minotauro que só é visto por aqueles que adentram o labirinto, é visualizado pelo espectador, na pele de Jack Torrance.



O semblante monstruoso de Jack. Fonte: o autor.



O andar monstruoso de Jack. Fonte: o autor.

No labirinto externo do hotel, Jack corre atrás de Danny em baixas temperaturas, e seu físico já está debilitado, não só pelo cansaço de toda a perseguição (em um dado momento, Wendy atinge o joelho de Jack com o bastão, prejudicando ainda mais o físico da personagem), mas seu psicológico já está afetado e desgastado por toda a monstruosidade daquele local. Em um ato de esperteza, enquanto foge do pai, Danny forja pegadas dentro do labirinto, para que seu pai se perca ali dentro, conseguindo fugir, deixando Jack perdido no labirinto, que termina morrendo ali. Danny, neste momento, pode ser lido como Teseu, o Outro, como aquele que entrou no labirinto para libertar a si e a sua mãe do monstro que lhes despertavam o medo, assim como Teseu livrou Creta do medo do Minotauro. Danny é o indivíduo que entrou no labirinto para cumprir o destino de seu pai, assim como o Outro cumpriu com o fado do Minotauro borgiano, a morte.

### **Conclusão**

Este trabalho buscou um mergulho nas interpretações do mito do Minotauro e do labirinto, que é uma das histórias mais contadas da Mitologia Grega, e com o movimento surrealista e com os avanços da arte, passou a ganhar diversos significados e diferentes interpretações. A atemporalidade da narrativa do mito e as temáticas existentes por trás de seus significados movimentaram o interesse das artes, de retratar em novas perspectivas o Minotauro e o seu labirinto, como na própria literatura, que é o caso do autor Jorge Luis Borges, que traz uma ressignificação para Astérion, o Minotauro, dando-lhe voz, corpo e pensamentos que antes não eram tão explorados.

Essa busca por novas interpretações do mito abrange para outras artes, como a pintura, a música e o cinema. *O Iluminado* é um filme do gênero horror que traz a complexidade de uma personagem que se muda para um hotel com sua família e dentro desse espaço isolado, afastado da realidade, vivendo apenas no mundo do Hotel Overlook, que se transforma em um labirinto metafórico desse personagem, perdendo-se na própria loucura e perversão, transformando-se em um monstro, em um Minotauro.

Esse paralelo entre os dois personagens, o Minotauro e Jack Torrance é estabelecido através do método de Literatura Comparada. Desse modo, pode-se observar que o diretor Stanley Kubrick opta por abordagens narrativas e escolhas de ambientação, angulação de câmera e da própria caracterização da personagem, que permitem uma associação direta com a representação do Minotauro, do labirinto e, principalmente, das dualidades: vida e morte, real e irreal, visível e invisível, bem e mal. Além disso, a loucura que existe no espaço do labirinto de Creta, em suas galerias, corredores, paredes, e espelhos, também está presente no Hotel Overlook, em seus corredores, janelas, carpete, salões e alas. A monstruosidade que habita o labirinto, representada pelo Minotauro, também reside no Hotel Overlook e apossa-se da figura de Jack, trazendo o Minotauro que ali estava adormecido, de volta à caça. E se Jack e o Minotauro se tornam um só, o destino de ambos é o mesmo: a morte no labirinto.

### **Referências**

ASSUNÇÃO, Diego Paleólogo. O Labirinto Contemporâneo: a experiência do Minotauro em Borges e Cortázar. Imaginário, efeito de real e contração da monstruosidade. In: XII Congresso

Internacional da ABRALIC. 2011, Curitiba. **Anais do ABRALIC**. Curitiba, 2011.

ASSUNÇÃO, Diego Paleólogo. **Produção da Alteridade** - a experiência do Minotauro. 2010. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BISKIND, Peter. **Como a geração sexo, drogas e rock and roll salvou Hollywood**. Tradução de Ana Maria Bahiana. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

BORGES, Jorge Luis. **O Aleph**. Tradução de Flávio José Cardozo. São Paulo: Editora Globo, 1998.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Atonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Decio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Sales. **A**

**personagem de ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução: André Cechinel. Florianópolis: UFSC, 2011.

O ILUMINADO. Direção: Stanley Kubrick. Produção: Stanley Kubrick. Intérpretes: Jack Nicholson, Shelley Duvall, Danny Lloyd, Scatman Crothers, Barry Nelson, Philip Stone, Joe Turkel, Anne Jackson, Tony Burton. Direção de fotografia: John Alcott. Roteiro: Stanley Kubrick, Diane Johnson. Música: Wendy Carlos, Rachel Elkind. Warner Bros. Pictures. 1980. 1 DVD (130 min). fullscreen. color. legendado.

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. Labirintos e Monstruosidades no teatro burlesco de Antônio José da Silva, o judeu. In: SILVA, Antônio José da. **O labirinto de Creta**. Uberlândia: Edibrás, 2017.

Recebido em 2019-07-14

Publicado em 2019-12-18